

A INTERAÇÃO ENTRE HERÓI E MULTIDÃO NA *ILÍADA*

*Gustavo Junqueira Duarte Oliveira*¹

RESUMO: Com este artigo pretende-se discutir a relação entre herói e multidão na *Ilíada* sob o ponto de vista do conceito de identidade relacionado à metáfora teatral sugerida por Goffman para a análise das interações sociais. Privilegiou-se o estudo de alguns discursos dos personagens acerca do papel que se espera dos heróis, bem como de cenas em que a relação ator/plateia tem maior ênfase. Por fim, propõe-se uma análise das repercussões materiais das disputas identitárias no interior da sociedade apresentada no poema.

PALAVRAS-CHAVE: *Ilíada*, Identidades, Interações sociais, História das multidões.

ABSTRACT: This paper presents a study of the relation between hero and crowd in the *Iliad*. The merge of the concept of identity with the theatric metaphor suggested by Goffman to the study of social interaction is the leading point of view. The focus of analysis was given to the characters speeches regarding the expected role of the heroes, as well as the scenes that gives emphasis to the actor/audience relation. Finally, a discussion of the material repercussions of the identitary disputes in the interior of the society pictured by the poem is presented.

KEY-WORDS: *Iliad*, Identities, Social interactions, History of the crowds.

Introdução

A maneira como o herói aparece destacado e à frente da coletividade na *Ilíada* sugere uma relação especial entre as duas entidades. O herói, nesse sentido, pode ser lido como um ator que representa um papel esperado para uma plateia observadora, a “multidão”. A maneira como a definição da identidade heroica funciona no interior da obra requer uma relação desse tipo. A multidão oferece, contudo, não só um ponto de oposição em relação ao qual o herói é definido, ela também opera como plateia para a ação heroica. Diante de concepções de glória e honra como as homéricas, os feitos dos grandes homens não podem ser realizados às escondidas, e sim à vista de todos, recebendo a publicidade que merecem. Uma das características da identidade heroica é

¹ Bacharel em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestrando do Programa de Pós-graduação em História Social da FFLCH-USP sob a orientação do Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello. É bolsista da Fapesp e membro do Laboratório de Estudos do Império Romano e Mediterrâneo Antigo (Leir-MA/USP).

definida pelas ações realizadas. Elas devem ser de conhecimento geral e observadas de modo a garantir a posição e a identidade daqueles que a buscam manter.

A Metáfora Teatral de Goffman

No livro *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, Erving Goffman apresenta uma perspectiva sociológica aplicada a qualquer estabelecimento social concreto, relacionando a vida real com a representação teatral. Na vida real, como no teatro, o papel que o indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis que os outros desempenham. Contudo, no teatro a plateia configura-se como um terceiro elemento, ao passo que na vida real os outros também constituem uma plateia (Goffman, 2007, p. 9).

Quando um indivíduo se coloca diante de outros, estes procuram obter dele informações a seu respeito, ou acessam as que já possuem. A informação serve para definir a situação, explicitando o que cada um poderá esperar do outro. Para indivíduos que não se conhecem, são usados comparações e estereótipos. Se, em virtude de uma experiência anterior o indivíduo é conhecido, pode-se supor, para prever os comportamentos presente e futuro, que traços psicológicos persistem. Durante a interação, o indivíduo terá de agir de modo a se expressar, ao mesmo tempo em que os outros terão de ser, de algum modo, impressionados por ele. A expressividade do indivíduo envolve comunicação tradicional e ações consideradas sintomáticas do ator (Goffman, 2007, pp. 11-12).

Os sujeitos agem baseados em inferências de como os outros agirão. É de interesse do indivíduo tentar regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam. O jogo de interações se dá justamente na maneira como a impressão é recebida. A expressão pode ser consciente e seguir estratégias, ou ser inconsciente e tradicional. Os outros podem receber do indivíduo respostas diretas e controláveis (verbais), ou ler aspectos não governáveis do comportamento expressivo. (Goffman, 2007, pp. 13-17).

Os participantes de uma interação contribuem, em conjunto, para uma única definição geral da situação. Não se trata de um acordo real sobre o que de fato existe, e sim um que se refere às pretensões pessoais, temporariamente acatadas. Trata-se de um consenso operacional, que varia segundo cada cenário. A projeção inicial dos indivíduos os prende àquilo que estão tentando ser, exigindo que abandonem outras pretensões. Modificações acontecem, mas devem seguir a proposição inicial para continuar a serem aceitos. A primeira impressão é de muita importância. Quando o indivíduo passa a agir

de maneira contrária à que havia projetado aos outros, todos se veem envolvidos em uma interação para a qual a situação havia sido definida erroneamente. Ela se torna, assim, não definida (Goffman, 2007, pp. 18-21).

As projeções possuem também um caráter moral. A sociedade se organiza de forma a ter como base o princípio de que qualquer indivíduo que possua essas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Analogamente, espera-se que os indivíduos sejam o que pretendem ser. Quando um indivíduo projeta uma definição da situação, ele obriga os outros a tratá-lo como tal, ao passo que abdica de pretender ser o que não projeta. Existem preocupações em manter essa projeção, e quando ela cai, compensações são esperadas (Goffman, 2007, pp. 21-22).

Ao desempenhar um papel, o indivíduo solicita que seus observadores o levem a sério, que acreditem que o personagem tem os atributos que aparenta possuir, que trará as consequências que pretende. De modo geral, ele pretende que as coisas sejam o que parecem ser (Goffman, 2007, p. 25). Ser uma espécie de pessoa não consiste meramente em possuir os atributos necessários, mas também manter os padrões de conduta e aparência que o grupo social do indivíduo associa a ele. Uma condição, posição ou lugar social não são coisas materiais passíveis de posse e, em seguida, exibidas. São modelos de conduta apropriadas, coerentes, adequados e bem articulados. A representação não é uma simples extensão expressiva do caráter do autor. Ela serve, frequentemente, para expressar as características não dele, mas da tarefa que executa (Goffman, 2007, pp. 74-76).

As ideias apresentadas por Goffman são úteis para a compreensão da definição identitária. É preciso ter em mente, todavia, que o uso desses pressupostos para a análise do texto homérico não implica uma crença de que eles reflitam um contexto histórico inequívoco. Trabalha-se com a noção de que os textos são testemunhos de uma tradição, podendo absorver elementos de contextos históricos diversos, que se relacionem com ela. Uma explicação mais aprofundada pode ser encontrada em “Homero: Oralidade, Tradição e História” (Oliveira, 2008). A utilização de conceitos, teorias e métodos modernos, tal como é realizada aqui, não envolve a construção de modelos de funcionamento de uma sociedade homérica histórica. Pelo contrário, tais ferramentas fornecem chaves de leitura, que permitem ler o passado por meio de um olhar do presente.

A Identidade Heroica nos Discursos dos Personagens

Os heróis devem agir, ou atuar, de uma forma específica porque toda uma plateia, formada pela multidão anônima de combatentes, o está observando e espera que ele aja em conformidade com sua identidade. O papel que os heróis exercem os obriga a tais ações, a partir dos modelos de conduta esperados de tal categoria de homens. A relação entre tais atores e a plateia, formada pela multidão, exige tal comportamento, tratando-se de uma exigência moral. Por atuarem nesse papel, garantem o direito de serem tratados de forma adequada, segundo a posição social e a identidade que desejam manter.

Um episódio narrado no decorrer do canto XIII da *Ilíada* mostra o encontro de dois guerreiros, Idomeneu e seu companheiro Meríones, do lado de fora da batalha, em meio aos navios. No intuito de se afirmarem como guerreiros valorosos e justificarem que não estavam fugindo do combate, deixam evidentes elementos importantes da identidade heroica que se esforçam por manter. Apresentam-se também como atores compenetrados em seu papel, de modo a tornar real para uma plateia a imagem que têm de si mesmos. São, ao mesmo tempo, atores e plateia de suas próprias ações e de outros heróis.

Meríones havia retornado ao acampamento em busca de uma nova lança, pois perdera a sua em uma tentativa de matar Deífobo (XIII, 159-168)². Já Idomeneu retornara para entregar aos médicos um guerreiro ferido. Logo que se encontram, o rei de Creta questiona o motivo de Meríones estar fora do combate, afirmando que ele, Idomeneu, está ansioso para voltar para a guerra (XIII, 249-253). Ao explicar que viera em busca de uma lança, Meríones recebe como resposta uma afirmação da valentia do rei: “Lanças, se é isso que queres, encontrarás – uma ou vinte! – / dispostas em pé na tenda junto à reluzente entrada: / lanças troianas, que arbatei aos mortos. Pois não penso / em lutar contra homens inimigos posicionando-me ao longe” (XIII, 260-263).

Tal afirmação apresenta dois elementos daquilo que será estabelecido, neste texto, como características de uma identidade heroica do guerreiro. Em primeiro lugar, a preocupação com a representação material da glória conquistada, na forma de espólios de guerra. Essa preocupação demonstra uma prática que tem como objetivo comprovar o pertencimento do guerreiro herói a um grupo identitário. Em seguida, Idomeneu se refere a outra prática. Os membros desse grupo particular não lutam com seus inimigos

² Neste artigo as citações da *Ilíada* serão apresentadas com os cantos indicados em algarismos romanos, seguidos da indicação dos versos.

posicionando-se de longe, mas em combate direto. Tal afirmação condiz com uma valorização geral na *Iliada* do combate corpo a corpo e uma desvalorização daquele realizado à distância, com arco e flecha, associado a figuras de covardes como Páris.

Meríones é rápido em responder a seu rei, afirmando, semelhantemente, que também possui suas presas de guerra, justamente em função de uma postura combativa: “Também eu tenho na tenda e na escura nau muitos despojos / troianos. (...) / Pois afirmo que nem eu me esqueço da bravura, / mas entre os dianteiros me posiciono na luta / exaltadora de homens (...)” (XIII, 267-271). Ambos os heróis utilizam, nesse caso, o mesmo recurso de afirmação de sua identidade heroica. Recorrem à comprovação material da glória conquistada como indicação de uma postura condizente com tal identidade.

Idomeneu, na continuação do diálogo, vai além. Estabelece uma diferença entre a morte enfrentada por um homem que compartilha da identidade que os dois estão tentando manter, ser atingido pela frente lutando entre os dianteiros, e a morte de um covarde, atingido por trás ou no pescoço enquanto fugia (XIII, 288-291). O diálogo entre os dois heróis estabelece, portanto, o tipo de ação que mantém a identidade desejada e a comprovação necessária para tal manutenção, bem como opõe o tipo de ação contrária, típica de outra categoria de homens.

À medida que os atores usam identidades para categorizar a si mesmos, com objetivos de interação, é preciso notar que as características levantadas não são a soma das diferenças objetivas entre os grupos, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes. Somente os fatores socialmente relevantes são próprios para diagnosticar o pertencimento a um grupo específico, independentemente de outro conjunto de diferenças (Barth, 1998, p. 194-195).

A identificação de outra pessoa como pertencente ao grupo depende de um compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento, em que esteja claro que se está jogando um mesmo jogo. Quando o que ocorre é a dicotomização, evidenciam-se as limitações na compreensão comum, diferenças de critério de julgamento, de valor e de ação. Uma identidade implica uma série de restrições sobre os papéis que podem ser assumidos, além de parceiros e transações a escolher. Isto porque a identificação envolve a aceitação no interior do grupo que a toma para si. Por isso, um indivíduo deve se submeter às regras e restrições desse grupo. Restrições são exercidas de tal modo que os indivíduos relutam em adotar novos comportamentos, com receio de serem inadequados para uma pessoa com uma identidade particular (Barth, 1998, p. 196-199).

O principal é apontar os limites entre “eles” e “nós”, estabelecer e manter fronteiras simbólicas, que assinalam disputas entre o que um grupo pretende marcar e o que os outros querem designar. Essa disputa depende da força de cada grupo nessa negociação (Cuche, 2002, p. 200).

Dentro dessa lógica, o temperamento guerreiro de homens como Idomeneu, Meríones, ou Heitor, o impelem a pelejar onde a luta é mais grossa, buscando o contraponto direto em relação a uma multidão de combatentes, ou um embate contra um oponente sabidamente mais poderoso. É também o caso de Sarpédon, que repreende seus companheiros lícios por fugirem. Ele estabelece as características de seu próprio comportamento, ao propor combater sozinho Pátroclo (XVI, 419-425). O mesmo pode ser dito de Heitor, descrito como o único baluarte da defesa de Troia, sozinho defendendo sua cidade (XXII, 506-507; XXIV, 499-500), ou como um homem valoroso que não foge nem busca abrigo (XXIV, 214-216). No canto XX, verso 371, o príncipe troiano afirmava que sairia para enfrentar Aquiles e, de fato, no canto XXII, permanece a fim de combatê-lo. Antes disso, anunciava que não fugiria diante do Pelida (XVIII, 305-309).

Tal padrão de comportamento demonstra uma aceitação das regras e restrições de maneiras de agir impostas por um processo de identificação. Esse processo de identificação também pode ser reconhecido na maneira como Goffman lê a sociedade. O referido padrão de comportamento seria, portanto, além de um processo de identificação, uma relação entre ator e plateia, na qual um papel específico é esperado dos protagonistas.

Poder-se-ia argumentar que as especificidades do combate entre o príncipe troiano e Aquiles são de outra natureza. Por mais que seja identificado como o mais poderoso e destacado de seu exército, e por mais que tenha afirmado que enfrentaria e não fugiria do Pelida, Heitor decide lutar contra Aquiles, em parte, por receio do que os outros, a plateia, diriam acerca de sua fuga. Ele temia que alguém pior do que ele o culpasse, pois teria sido o próprio Heitor quem decidiu que o exército deveria permanecer e não retornar às muralhas no dia anterior (XXII, 99-130). Logo após considerar a situação, no entanto, Heitor se depara com a figura terrível de Aquiles e, dominado pelo medo, põe-se a fugir (XXII, 131-138). Ele só cessa a fuga quando acredita ter a ajuda de seu irmão, após ter dado três voltas ao redor dos muros de Troia.

Entretanto, justiça seja feita ao herói troiano. Percebido o engodo de Atena, que se passava por Deifobo, Heitor se resigna e declara a Aquiles que não mais fugirá. Seu

espírito o incita a não ceder, quer ele mate, quer seja morto (XXII, 250-253). Neste momento o herói opõe dois tipos de morte, uma oposição comum na *Ilíada*, também feita por Idomeneu na passagem já citada: a lança recebida nas costas, do covarde, e a recebida pela frente, digna do herói, a qual certamente prefere (XXII, 283-285). Por fim, a despeito de sua fraqueza inicial, Heitor volta a agir em conformidade com um homem de sua posição, portador de uma identidade heroica e ator de um papel específico. Enfrenta a morte em combate destacado, contra um oponente sabidamente mais poderoso, sem se esconder e sem pensar em fuga, diferenciado de um homem em meio à multidão, escondido em Troia.

A Plateia na Ilíada

Na *Ilíada*, a relação ator/plateia é exagerada a tal ponto em algumas passagens que a coletividade cessa todo e qualquer tipo de ação direta para poder observar o que transcorre, em dado momento, entre dois dos mais destacados homens. Nessas ocasiões a relação entre ator e plateia deixa de ser somente uma metáfora útil para se entender analiticamente a representação do indivíduo na vida cotidiana. Torna-se mais do que isso, pois a metáfora se materializa. Para o centro vão os heróis se destacar. À volta, a multidão permanece inativa, mas exercendo uma função essencial para a sociedade homérica. Ela observa os feitos dos heróis, certificando-se de que são dignos das posições, ou melhor dizendo, dos papéis ocupados.

Vale apontar, em primeiro lugar, as plateias de fato. Aparecem, sobretudo, na ocasião dos jogos funerários em honra a Pátroclo. O fato de os competidores duelarem no meio da assembleia é ressaltado algumas vezes (XXIII, 685-686, 710, 813-814). A plateia é também descrita da seguinte maneira: “As hostes olhavam para o que se passava, cheias de espanto.” (XXIII, 728). A posição dos destacados fica evidente no convite de Aquiles, que chama aqueles que desejam para “à prova se porem à frente da multidão” (XXIII, 802-804). Dessa forma, a relação entre os competidores destacados e a multidão necessariamente observadora é estabelecida. De maneira semelhante, em uma cena no escudo é descrita uma plateia: “Uma multidão numerosa observava a dança apaixonante / deslumbrada; e os dois acrobatas no meio deles rodopiavam [...]” (XVIII, 603-605).

No interior da guerra, o espaço entre os dois exércitos, o meio, ou à frente deles, também é o lugar onde os grandes heróis se encontram. A fórmula que segue resalta esse aspecto: “encontraram-se no meio das duas hostes, desejosos de combater.” (VI,

120; XX, 159). Com os heróis no centro e o exército em volta, a relação ator e plateia também pode ser observada.

Outro trecho interessante é o da batalha entre Heitor e Aquiles, com a subsequente morte do príncipe troiano. Primeiramente, Aquiles persegue seu inimigo sem deixar que seus aliados interfiram, para não roubarem sua glória (XXII, 205-207). Eles podiam somente observar. Quando Heitor finalmente é morto, uma multidão é descrita nos muros de Troia, funcionando como uma plateia para a cena (XXII, 462-464).

Diferentes dos episódios já citados são os duelos entre campeões dos dois exércitos. Nesses casos, a relação entre plateia e ator se aproxima mais daquela descrita nos jogos ou na dança no escudo. Quando Páris sugere um duelo entre ele e Menelau, o faz nos seguintes termos: “manda sentar os demais Troianos e todos os Aqueus; / coloca-me no meio, assim como Menelau dilecto de Ares, / para combatermos por Helena e por tudo o que lhe pertence.” (III, 68-70).

A guerra deve parar para os dois combatentes se destacarem à vista de todos. A mesma ideia se repete no duelo entre Heitor e Ajax. Em ambos os casos os guerreiros são mostrados sentados ou parados, sem combater (III, 132-135, 326-327; VII, 49, 55-57), e os dois duelantes em destaque (III, 136-138, 340-345; IV, 156, VII, 74-75). Nesse caso, mais do que a simples menção dos guerreiros batalhando no espaço entre os dois exércitos, a relação estabelecida se torna mais relevante. A sugestão de análise social de Goffman pode ser aplicada com maior utilidade, pois os papéis de ator e plateia ficam bem estabelecidos, cada qual exercendo sua função na sociedade homérica.

A glória dos heróis necessita desse mecanismo que coloca a atuação dos grandes homens de frente a uma plateia inativa. Essa plateia, uma multidão anônima, serve justamente para, em primeiro lugar, colocar o herói em evidência e, por fim, para policiar os feitos desses homens, elementos que garantem as honras especiais que recebem e os diferenciam dos demais. Somente com esse ato de observação da atuação do herói pela plateia, formada pela multidão, pode-se garantir que as glórias publicamente conquistadas sejam revertidas nas honras devidas.

Consequências Materiais de uma Disputa Identitária

Tanto o conceito de identidade, quanto a ideia de se entender as interações sociais por meio da metáfora teatral, com atores e plateia, se estruturam a partir de um movimento relacional. A identidade é uma construção, e não um dado. No entanto,

também não se configura como uma ilusão que depende exclusivamente da subjetividade. A construção da identidade acontece no interior de contextos sociais que determinam a posição de seus agentes, orientando representações e escolhas. Tais fenômenos são dotados de eficácia social e produzem efeitos sociais reais, estando longe de serem ilusões (Cuche, 2002, p. 182). A construção da identidade, em outras palavras, é simbólica e social, e as lutas para afirmar as diferentes identidades têm causas e consequências materiais (Woodward, 2000, p. 10). Ambos os processos, o simbólico e o social, são necessários. A marcação simbólica é o meio no qual o sentido é dado a práticas e a relações sociais, no qual fica definido quem é excluído ou incluído. Na diferenciação social, essas classificações são “vivas” nas relações sociais. Um grupo socialmente marginalizado, por exemplo, sofre efeitos reais, seguidos de desvantagens materiais (Woodward, 2000, p. 14).

O diálogo entre Idomeneu e Meríones, que introduziu os problemas até aqui tratados, já aponta para uma prática que tem como intuito o estabelecimento e a manutenção da identidade heroica, bem como das fronteiras que a cercam. Trata-se da preocupação com os espólios, colocada naquele diálogo tanto por Idomeneu quanto por Meríones. É o primeiro ponto a ser analisado no que se refere às consequências materiais dessa disputa identitária.

No diálogo em questão, os espólios referidos correspondem às armas e armaduras de vários combatentes mortos. A preocupação de Idomeneu e Meríones não é incomum na *Ilíada*, sendo a prática de levar as armas dos guerreiros derrotados como troféu uma comprovação da glória conquistada, amplamente difundida. Os exemplos são inúmeros. Por isso, para enfatizar a questão, vale citar uma passagem muito reveladora. A preocupação com essa comprovação era tal que Nestor viu a necessidade de exortar o exército com as seguintes considerações: “Que ninguém fique para trás, ávido de despojos, / para que maiores quantidades possa levar as naus, / mas chacinemos homens! Depois, já tranquilos, podereis / despir das armas os cadáveres que jazem na planície” (VI, 68-71).

As diretrizes traçadas por Nestor referem-se ao esforço de materializar as glórias conquistadas, presente já no diálogo de Idomeneu e Meríones. Nestor parece temer que a essa prática seja dada mais atenção que ao combate em si, tal a importância dada a ela.

No entanto, o despojo das armas dos cadáveres é só uma das formas dessa materialização. O problema central é justamente a comprovação e a preocupação com a comprovação das glórias que mantêm a identidade heroica dos melhores homens. Para

tal, os heróis, os atores da guerra, agem de acordo com práticas afirmativas, e atribuem aos despojos a comprovação dessas práticas. Essa comprovação, a materialização das glórias conquistadas, aparece de formas diversas, no interior dos discursos dos personagens. Na *Ilíada*, todavia, isto aparece abundantemente. Mais importantes do que o que os homens são, como eles parecem era o índice que media o valor guerreiro. Por isso a ênfase na aquisição de riquezas pela lança, pois tais bens materiais funcionam como prova tangível de excelência, bem como como um meio de ampliação da reputação (DONLAN, 1999, p. 4-5). A análise de outras maneiras de o grande guerreiro ser honrado por outros, em função de práticas que garantem o pertencimento ao grupo identitário dos heróis, passa a ser agora o objeto da discussão.

Após muitos feitos gloriosos, Belerofonte foi de tal forma honrado pelos lícios como herói:

Mas quando o rei reconheceu que ele era filho de um deus, / reteve-o lá e deu-lhe sua filha em casamento; / deu-lhe ainda metade de toda a honra de seu reino. / E os Lícios demarcaram-lhe um domínio senhorial superior / a todos: terra de pomares e lavoura, para que nela habitasse. (VI, 191-195).

O herói recebe em casamento uma filha da realeza, além de poder e terras. Tudo isso em função de uma capacidade de conquistar e manter a identidade heroica por meio de seus feitos. Manteve seu papel dentro das expectativas da plateia.

Tais honras não são incomuns. Certo Otrioneu pede a Príamo a mais bela de suas filhas, Cassandra, para afastar de Troia os aqueus, o que seria concedido, não tivesse ele sido morto (XIII, 363-373). Em outra cena, Aquiles pergunta a Eneias se o motivo de o troiano se arriscar é por causa de uma promessa de terras por parte de Príamo, caso Eneias matasse o Pelida (XX, 178-186)³. Terras também são prometidas a Meleágro, na tentativa de fazer cessar sua ira e trazê-lo para a luta (IX, 575-580).

Aqueles que se destacam, portanto, tomam, recebem, ou ao menos esperam receber, uma contrapartida material pelo destaque. O ator que estabelece seu papel corretamente diante da plateia garante para si esse direito. A afirmação identitária acaba tendo efeitos sociais palpáveis no interior da narrativa. Toda a querela central da *Ilíada* acaba por girar em torno desse tema. Aquiles foi privado por Agamêmnon de sua presa de guerra, Briseida, conquistada por sua lança.

³ Para uma discussão acerca da concessão de terras, em especial o *Ilíada* homérico, ver Donlan (1999, pp. 303-320). Este autor também defende o reconhecimento material da posição e das responsabilidades do chefe (pp. 345-357).

Em determinado momento, o Pelida reclama que os prêmios distribuídos não são em função da maior ou menor participação nos combates, em uma cena que mostra com clareza a importância dada a esse elemento (I, 161-169). Em outro momento, Aquiles expõe que as honras devidas a quem se destaca não estão sendo respeitadas, novamente afirmando que, mesmo realizando maiores feitos, não é ele quem recebe os maiores prêmios, e sim Agamêmnon (IX, 317-345). A crítica de Aquiles associa os feitos aos prêmios recebidos. Essa associação é quebrada pela interferência do poder de Agamêmnon sobre o exército, pois ele detém o título de comandante supremo, por comandar mais homens.

Contudo, o resultado da querela entre os dois acaba indicando que a posição de Aquiles prevalece. Entre o poder de comandar muitos guerreiros e a necessidade dos feitos especiais de um único guerreiro para o desenrolar da guerra, o direito de maiores prêmios acaba tendendo para o segundo. Por de trás dessa constatação, também está implícita a noção de que o indivíduo poderoso conta mais do que a coletividade bélica. Nesse, sentido, o herói é mais importante para o desfecho da guerra do que a multidão.

A retratação pública de Agamêmnon oferecida ao Pelida, recheada de tesouros, mulheres, cidades, terras, incluindo até mesmo uma proposta de casamento com uma das filhas do Atrida (IX, 119-157), indica justamente a força da posição defendida por Aquiles, de que os prêmios são devidos em função dos feitos realizados. Agamêmnon chega a dizer ter desvairado e cedido a funestos pensamentos (IX, 119), reconhecendo seu erro.

Dentre as formas de destaque que marcam a identidade heroica a partir do ponto de vista da materialização das glórias alcançadas, a participação nos banquetes não pode ser negligenciada. Contudo, não só a participação em si merece atenção. Também são importantes seus contornos observáveis, ou seja, a maneira como tal participação se manifesta. Ájax, por exemplo, recebe os frutos por ter sido valoroso no duelo contra Heitor. No banquete, ele é honrado com a melhor parte da carne (VII, 321-322). Em outro exemplo, Menelau afirma que os regentes e comandantes dos aqueus, a quem recai o comando sobre as hostes e as glórias de Zeus, bebem o vinho do povo, indicando a participação honrada nesses eventos. Em função de tais elementos, devem sentir vergonha caso percam a disputa pelo cadáver de Pátroclo (XVII, 248-255).

Outros, quando deparados com a própria fuga, são lembrados que tal comportamento não condiz com a presença nos banquetes, onde têm garantido lugar de honra, carnes e taças cheias. Heitor faz questão de ressaltar isso a Diomedes (VIII, 161-

165), bem como Agamêmnon (VIII, 228-235) ou Heitor (XVII, 220-232), que declaram algo semelhante a todo um exército.

Seriam a censura de Agamêmnon e a exortação de Heitor momentos em que as identidades se sobrepõem? A maneira como a identidade heroica é construída, algo que depende de um papel específico para ser mantida, não possibilita justificar a exortação de todo o exército com esses termos? Todos se banqueteiavam no exército aqueu, mas os lugares de honra é que são realmente disputados. Pela ação destacada, estariam esses lugares à mão de qualquer um que fosse bem-sucedido? As consequências materiais da disputa identitária estariam ao alcance de todos os que pudessem reclamar para si tal identidade. Estariam ao alcance de todos os atores que conseguissem manter tais papéis diante de uma plateia observadora.

É o que pode ser sugerido pela proposta de Nestor ao corajoso homem que se sobressair em missão de espionagem:

Grande seria sob o céu o seu renome / entre todos os homens, e sua seria uma dádiva honrosa. / Pois todos quantos detêm o poder sobre as naus, / destes cada um lhe daria uma ovelha negra a amamentar / o seu cordeiro: prenda não há que com esta se assemelhe. / E para sempre ele estará presente nos banquetes e festins. (X, 212-217).

É verdade que o discurso é proferido em um conselho fechado, entre os guerreiros já consagrados, mas seu conteúdo demonstra a maneira com que se delimitam as fronteiras da identidade heroica. A entrada, e a própria permanência, no interior dessas fronteiras, dependem de determinadas práticas.

No caso da exortação de Heitor aos aliados, ele termina por afirmar que, ao homem que conseguir arrastar o cadáver de Pátroclo para os troianos, serão devidas glórias iguais às dele (XVII, 229-232). A exortação é para a coletividade e tem como propósito ressaltar que qualquer homem pode se igualar em glórias ao mais consagrado dos defensores troianos, mantendo, ou tendo acesso, à possibilidade de conclamar para si a identidade heroica.

Por fim, mais algumas passagens devem ser analisadas. A primeira parte do famoso discurso de Sarpédon a Glauco retoma várias das questões abordadas anteriormente:

Glauco, por que razão nós dois somos os mais honrados / com lugar de honra, carnes e taças repletas até em cima / na Lícia, e todos nos miram como se fôssemos deuses? / Somos proprietários de

um grande terreno nas margens do Xanto, / belo terreno de pomares e searas dadoras de trigo. / Por isso é nossa obrigação colocarmo-nos entre os dianteiros / dos Lícios para enfrentarmos a batalha flamejante, / para que assim diga algum dos Lícios de robustas couraças: / ‘ignominiosos não são os nossos reis que governam / a Lícia, eles que comem as gordas ovelhas e bebem / vinho selecto, doce como mel; pois sua força é também / excelente, visto que combatem entre os dianteiros dos Lícios. (XII, 310-321).

Sarpédon afirma ser obrigação dos que são honrados realizar os feitos pelos quais são honrados. Se já recebem as honras que lista, devem merecê-las⁴. Donlan sugere uma leitura segundo a qual o posto dos grandes homens e as honras subsequentes eram dados pela comunidade e, por isso, existe uma reciprocidade que exige do líder o cumprimento do seu dever (Donlan, 1999, p. 20). Ideia semelhante é expressada por Agamêmnon, quando repreende Odisseu e Menesteu. Ele diz que esses heróis deveriam estar entre os primeiros a agir na batalha, pois estão entre os poucos privilegiados com as inúmeras honras dos banquetes dos anciãos (IV, 340-348).

A marca do pertencimento à identidade heroica, do ponto de vista material, só faz sentido se os feitos realizados estiverem à altura das honras recebidas. A relação, portanto, é de mão dupla: realizam-se grandes feitos para ter acesso às honras que materializam a glória conquistada, e se mantêm essas honras pelos feitos realizados.

A identidade heroica, entretanto, não é um fluxo que depende somente da auto-identificação. Existe, de fato, espaço para entrada e saída do grupo identitário. Alguns exemplos citados, em particular o de Belerofonte, apontam para essa possibilidade. No entanto, em geral seus membros são encontrados entre os líderes do povo. Eles devem agir de acordo com as práticas afirmativas que os garantem nas posições que foram a eles, a princípio, atribuídas. Sarpédon ressalta isso a Glauco, salientando que devem agir de maneira a se destacarem para garantirem que os lícios os identifiquem como heróis verdadeiros. O reconhecimento dos outros também tem força no jogo das classificações identitárias. O olhar escrutinador de uma plateia social exige que um ator, pertencente a determinada posição, aja de acordo com o que é esperado de seu papel. Apenas assim pode gozar das consequências materiais de sua posição, ao demonstrar publicamente, diante de uma plateia, que de fato é aquilo que pretende ser. Os outros guerreiros, os que não são os melhores, não eram, portanto, uma massa insignificante. São uma plateia, sempre atenta, capaz de julgar os atores em cena, ou seja, capaz de julgar seus líderes.

⁴ Para uma análise completa do discurso ver Assunção (2008).

Bibliografia

Edição e Tradução da *Ilíada*

LOURENÇO, F. (trad.). *Ilíada*. Lisboa, Cotovia, 2005.

WEST, M. L. (edição crítica). *Ilias* Vol. I. Stuttgart & Leipzig, Bibliotheca Teubneriana, 1998.

_____. *Ilias* Vol. II. Munchen & Leipzig, Bibliotheca Teubneriana, 2000.

Obras Gerais

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. “Boa Comida como Razão para Arriscar a Vida: O Discurso de Sarpédon a Glauco (*Ilíada* XII 310-328)”. *Nuntius Antiquus*, n. 1, 2008.

BARTH, F. “Grupos Étnicos e suas Fronteiras”. In: POUTIGNAT, P. & STREIFF-FERNART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, Edunesp, 1998.

CUCHE, Dennys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru, Edusc, 2002.

DONLAN, Walter. *The Aristocratic Ideal and Selected Papers*. Wauconda, Bolchazy-Carducci, 1999.

GOFFMAN, Irving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVIERA, Gustavo J. D. “Homero: Oralidade, Tradição e História”. *Nau Literária*, vol. 4, n. 1, Porto Alegre, 2008.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença*. Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 7-72.

